

---

## Entrevista da teoria à prática: relatos sobre o processo de produção da série “Direitos em Pauta”<sup>1</sup>

Kyara NEGRETTI<sup>2</sup>  
Joshua Rodrigues LACERDA<sup>3</sup>  
Evelyn Iris Leite Morales CONDE<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Rondônia, Unir

### Resumo

O presente trabalho, com metodologia que abrange revisão bibliográfica, em forma de relato de experiência descritivo, tem como objetivo refletir sobre o processo de produção da atividade prática desenvolvida nas disciplinas Laboratório de Radiojornalismo e Jornalismo Especializado, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir). A reflexão refere-se ao movimento da teoria à prática da elaboração da série de entrevistas “Direitos em Pauta”, que priorizou o contato com fontes especialistas de diferentes campos dos direitos sociais para a realização de quatro entrevistas especiais em formato de podcast sonoro, veiculado nas redes sociais do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC/Unir). Como resultado, destaca-se a importância da apreensão dos conceitos e estratégias relacionados à prática da entrevista e da produção com ênfase na cidadania, para o exercício da atividade informativa de modo consciente e socialmente responsável.

**Palavras-chave:** Entrevista. Direitos. Jornalismo. Radiojornalismo. Rondônia.

### Introdução

Quando falamos em direitos sociais podemos relatar uma série de possíveis termos: cidadania, papel dos governos, políticas públicas, deveres, etc. E quando o jornalismo é vinculado a esses possíveis entendimentos, refletimos sobre a responsabilidade profissional ao dar visibilidade às pautas que façam sentido à coletividade, especialmente, quando os direitos ainda são pouco conhecidos e acessados.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir), email: kyananegretti75@gmail.com.

<sup>3</sup>Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir), email: joshuaacademico@gmail.com

<sup>4</sup>Orientadora. Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (PPGCOM/Unir), email: evelyn.morales@unir.br.

---

Para essa apresentação, compreendemos direitos sociais no contexto da sociedade capitalista e não sendo observada como mera ferramenta jurídica de garantias, mas como estrutura para garantir a dignidade à humanidade, como destaca Mascaro (2017).

E para uma delimitação temática, nossa ação e reflexão teve como eixo norteador o Art. 6º da Constituição Federal de 1988, que dispõe: “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (Brasil, 1988).

Nessa direção, nosso objetivo é apresentar reflexões sobre a importância do processo de conhecimento teórico, cultural e técnico aliado ao exercício constante e atento da atividade informativa, considerando o jornalista um ser que não é e não deseja ser completo, pois a falha faz parte dele, conforme nos ensina Marcondes Filho (2000, p. 153), mas que haja “investimento social” em sua atividade, sem apenas imediatismos ou dimensões imediato-pessoais.

A seguir, discutiremos brevemente os principais termos que abrangem produção e entrevista, para depois apresentarmos os percursos da produção prática da Série Direitos em Pauta e as considerações possíveis acerca da reflexão da teoria e prática da atividade no processo de formação na universidade.

## **Metodologia**

Com metodologia que abrange revisão de literatura referente à produção e entrevista, com base em autoras Caputo (2014), Medina (2008), Floresta e Braslauskas (2016), e autores Marques de Melo (2016) e Lage (2001); esse trabalho se caracteriza como um relato de caráter descritivo a partir da técnica de ação-reflexão-ação da produção da série Direitos em Pauta, realizada por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir).

A série abordou quatro temáticas relacionadas a direitos sociais, por meio de entrevistas telefônicas com especialistas de diferentes campos do conhecimento, com enfoque em particularidades regionais: direitos do consumidor, assédio moral e sexual no trabalho, violência contra mulher e acessibilidade à comunidade com deficiência visual.

A produção total resultou em 60 minutos de duração, com média de 15 minutos para cada entrevista realizada por duplas de estudantes de Jornalismo da Universidade

Federal de Rondônia (Unir), com divulgação de três episódios no perfil @rec.unir, no Instagram; e nos canais REC Unir, no Youtube, e 321 REC, no Spotify.

Os links das produções são:

- Episódio “Violência doméstica em Rondônia”, com entrevista com Hana Lopes Pereira, coordenadora da Associação Filhas do Boto Nunca Mais.: <https://youtu.be/roE3Vhhxv08>. A equipe contou com a seguinte composição: produção de Izabela Muniz, Joshua Lacerda, Juliana Garcez, com apresentação de Fabiany Araújo e Loide Gonçalves.

- Episódio “Passagens aéreas em Rondônia”, com entrevista do advogado Roberto Grécia, que integra a Comissão do Consumidor da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Rondônia.: <https://youtu.be/PgasJYOAYHc>. Com a equipe: apresentação de Kyara Negretti e Mateus Santos; e produção de Emily Vitória, Ian Gabriel, Davi Rodrigues e Jorge Fernando.

- Episódio “Assédio moral e sexual no trabalho”, com entrevista com a psicóloga Golda Paiva, especialista em Psicologia da Saúde: <https://youtu.be/UmXSipXq4KE>. A produção foi de Felipe Nascimento, Jainni Victória e Mylla Pereira; com apresentação de Andressa Vassilakis e Raimundo Filho.

### **Percurso teórico sobre produção e entrevista**

Destacamos que a atividade informativa exercida se encontra nas funções midiáticas de *informação* e *mobilização*, respectivamente, por relatarem acontecimentos e situações; e tem relação com a cidadania, no contexto da participação política, cultural ou de consumo de bens e serviços. Diferente dos elementos da teoria crítica, que ditam aos profissionais quais procedimentos devem ser considerados na elaboração de matérias para um veículo ou para uma rede.

A teoria funcionalista, assim, nos revela que os *media*, de modo geral, e o Jornalismo, por consequência, não cumprem uma única função e tampouco restringem sua capacidade produtiva a apenas uma maneira de tratar os acontecimentos e outras facetas. A lógica é simples: se, na sociedade, há várias demandas, geradas pelos múltiplos desempenhos dos atores sociais em suas atividades cotidianas, é natural que os meios de Comunicação se organizem de modo a suprir essas necessidades – se não todas, ao menos as principais –, com conteúdos adequados a cada uma delas (Marques de Melo; Assis, 2016, p. 46).

A elaboração da pauta com foco menos imediatistas, que considerem histórias de vidas e contextos para além de dados, proporciona uma produção mais sensível e coletiva. Por isso, é importante imaginar, perceber outros aspectos de um determinado assunto, para que a realidade possa se revelar de maneiras diferentes (Lage, 2001). E isso também é essencial em uma entrevista, que pode ser um instrumento valioso de informações e sentidos para além de números.

Em nosso exercício prático, foi importante compreender que podemos construir materiais interessantes com apoio da percepção coletiva dos integrantes da equipe para a elaboração da pauta. Aliás, como nos demonstram Floresta e Braslauskas (2009, p. 11),

Todos os jornalistas das editorias participam da construção da pauta, que é uma obra coletiva. O pauteiro é o responsável por estruturá-la e abastecê-la diariamente, não há dúvida, mas a definição dos assuntos é feita com base nas sugestões dos repórteres, nos pedidos dos editores e na cobertura que os cadernos estão fazendo de determinados casos. Um pauteiro não é capaz de fazer milagres.

Nesse sentido, compreendemos que a pauta é um elemento que não pode deixar de ser considerado como coletivo, pois abrange diferentes olhares e pode ter como base de apoio para sua elaboração, diferentes fontes de informação para ajudar na composição de uma boa entrevista. E a pesquisa é importante nesse processo, como destacam as autoras:

[...] Ninguém precisa virar um especialista, como sugere Weiner [Samuel Weiner na obra *Minha razão de viver: memórias de um repórter*], mas é essencial entender sobre o que se pretende escrever. Uma pesquisa prévia sobre o entrevistado e o assunto não é apenas uma necessidade, mas condição obrigatória para uma boa entrevista. Correr arquivos de jornais e pesquisar na Internet são os primeiros passos. Quando a missão é entrevistar uma pessoa, seja por conta de uma descoberta científica, seja para fazer seu perfil, precisa estar preparado. Além de demonstrar respeito com a ‘fonte’, terá condições de levantar alguma novidade, pois saberá o que ainda não foi explorado (Floresta e Braslauskas, 2009, p. 75).

Caputo (2006) destaca a entrevista como uma experiência rica e significativa, muito além de uma simples troca de perguntas e respostas. É um encontro entre pessoas, repleto de interações complexas e significados subjacentes. Ela explora como a empatia,

---

a linguagem corporal e o contexto cultural influenciam essa interação, sublinhando a importância de criar um ambiente propício para a comunicação.

Técnica, procedimento, instrumento, arte, diálogo? [...] Sem dúvida, essas tentativas de aproximações são importantes e fazem com que nós jornalistas ao menos nos questionemos sobre o significado de uma prática que nos é cotidiana. Quando a mim, penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. Então aqui, outra vez, a palavra escapa, não consigo aprisioná-la em um conceito. O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro (Caputo, 2006, p. 28).

Para a autora, a entrevista é uma oportunidade única de dar voz a diferentes perspectivas, enfatizando a responsabilidade ética do jornalista em tratar o entrevistado com respeito e integridade. É, também, oportunidade de enxergar o processo com outros olhos:

A construção ativa de uma grande entrevista ou de pequenas entrevistas para a elaboração de uma matéria [ou programa de entrevista], parte do jornalista. Ele pega o fio de Ariadne: ‘Por que estou escrevendo isso?’ – do qual falei anteriormente –, mas já se perguntou antes: ‘Sobre o que julgo importante escrever?’ Pergunta sempre: ‘O que me incomoda na realidade que vejo?’ ‘O que me desassossega?’ Somente dessa forma o jornalista conseguirá distinguir o modo como percebe a realidade: entre olhá-la simplesmente – e, portanto, apenas recebê-la – e vê-la ativamente – e, portanto, buscá-la (Caputo, 2006, p. 30).

É na entrevista que podemos revelar o lado mais humano do sujeito sobre determinado assunto, mesmo que factual. Medina (2008) nos ensina que pessoas não são objetos, e que na relação entre entrevistado e jornalista deve haver uma interação dialógica, onde ambos troquem suas percepções, objetivos e contextos. Por isso, a autora adverte também que a entrevista é um espaço de negociação e construção conjunta de significados, onde o jornalista deve estar ciente das dinâmicas de poder e da subjetividade envolvidas, e o entrevistado deve ser visto como um participante ativo que influencia o rumo da entrevista. A preparação adequada e a empatia são essenciais para conduzir a entrevista de maneira eficaz e ética.

A autora destaca que:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será o braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se ao diálogo (Medina, 2008, p. 5)

A escuta ativa é um elemento importante nessa relação, como analisam Floresta e Braslauskas (2009). As autoras argumentam que o jornalista deve estar totalmente atento às respostas do entrevistado, para fazer perguntas de acompanhamento e explorar aspectos inesperados que possam surgir. A escuta ativa envolve prestar atenção não apenas às palavras, mas também à linguagem corporal e ao tom de voz, captando nuances e detalhes importantes que enriquecem a reportagem.

Compreender emoções e subtextos permite ao entrevistador fazer perguntas pertinentes e esclarecer pontos importantes. Isso é válido para o movimento que podemos fazer tanto para reformulações de perguntas ou direcionamentos antes previstos, mas que não mais se encaixam no decorrer do diálogo.

Justamente sobre esse movimento é que reside a análise de Lage (2001) sobre a cultura do jornalista. Assim como destacam Floresta e Braslauskas (2009), Lage enfatiza que o jornalista deve estar bem informado sobre o tema e sobre o perfil do entrevistado para formular perguntas pertinentes e profundas. Ele argumenta que a preparação minuciosa permite ao jornalista explorar assuntos com maior profundidade e precisão, resultando em entrevistas mais ricas e esclarecedoras. A pesquisa prévia, conforme descrito acima, não só ajuda a evitar perguntas redundantes, mas também demonstra respeito pelo entrevistado e pelo público.

### **Da teoria à prática: produção da série Direitos em Pauta**

A “Série Direitos em Pauta”, realizada por estudantes de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir), destaca a importância da atividade informativa na divulgação e proteção dos direitos humanos e sociais, informando e dando voz a causas pouco abordadas, em nível local, estimulando à transparência e mobilização social.

---

Para caminhar nessa direção, nossa preocupação foi com os passos na produção da série, enquanto estudantes, já preocupados com a nossa atuação no mundo do trabalho. Portanto, a universidade se mostrou um espaço real de trocas para o exercício dessa atuação, especialmente, com olhares mais sensíveis às pautas de cunho social e com ênfase na cidadania. Espaço também para praticar os elementos conceituais estudados nas obras dos autores e autoras que citamos na revisão de literatura desse artigo, que nos mostram a importância do cuidado com a elaboração da pauta de uma entrevista, com cuidado com as informações e com o processo de diálogo com a fonte.

O processo de produção das entrevistas foi organizado por quatro grupos de estudantes de uma mesma turma, que cursavam cinco disciplinas no mesmo semestre sendo duas com a mesma professora responsável: Jornalismo Especializado e Laboratório de Radiojornalismo. Desse modo, as atividades nesse semestre específico acabaram integrando as duas disciplinas, com produções que fizessem sentido tanto para a especialização do tema em uma produção sonora.

As pautas foram elaboradas a partir de discussões entre os integrantes de cada grupo, resultando em temas que contemplassem a realidade de Rondônia, com questões que tivessem como pano fundo, questões relacionadas à cidadania, especialmente, no contexto de direitos da população.

Assim, surgiram os seguintes temas: "passagens aéreas em Rondônia", "violência doméstica em Rondônia", "assédio moral e sexual" e "acessibilidade à comunidade com deficiência visual". Essa divisão permitiu um foco específico e uma distribuição equilibrada das tarefas entre os participantes das disciplinas.

Sobre o tema "passagens aéreas", o destaque foi para a questão do baixo número de oferta de voos no estado, especialmente, no que se refere ao expressivo número de ações jurídicas registradas contra as companhias aéreas. As empresas culpam o elevado número de processos pela escassa oferta de voos. O caso repercutiu nacionalmente, quando as empresas Gol e Azul informaram que a queda se deu por processos de passageiros que se sentiram lesados por atrasos ou cancelamentos, conforme publicado em sites nacionais de notícias (O Globo, 2023).

Quanto ao tema "violência doméstica em Rondônia", o grupo de estudantes consideraram os dados do 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em 2023, que revelou o estado como líder no *ranking* de feminicídios contra mulheres no ano

---

de 2022. Os casos de homicídios apresentaram taxa de 11,9 a cada 100 mil mulheres; sendo que a taxa nacional foi de 3,9 (Anuário, 2023).

O tema assédio moral e sexual teve como foco o contexto do mundo do trabalho, em que os trabalhadores podem passar e acabar sofrendo consequências para além do assédio em si, como o caso de casos de ansiedade e depressão a partir de episódios recorrentes de assédio. O grupo considerou como norteador para sua pauta dados da Justiça do Trabalho que, em 2023, recebeu por mês, em média, 6,4 mil ações relacionadas a assédio moral no trabalho (Justiça do Trabalho, 2023). O assunto rendeu uma boa entrevista sobre os dados e sobre como identificar diferentes tipos de assédios e como denunciar.

Acercado tema acessibilidade para comunidade cega, o foco se voltou ao contexto da educação, com elementos relacionados tanto à acessibilidade na estrutura física de prédios e instrumentos pedagógicos, quanto na questão relacionada às políticas de formação docente para atendimento à comunidade cega. A entrevista sonora teve como convidado um egresso da Universidade Federal de Rondônia (Unir), que contou sobre suas dificuldades para finalizar a graduação na única universidade pública do estado de Rondônia.

As reuniões de pauta foram realizadas durante as aulas, para discussão de direcionamentos com aspectos de coletividade dos temas. Em seguida, realizamos a coleta de dados em sites oficiais e fontes confiáveis para a elaboração de uma base satisfatória das informações e elementos para perguntas. A escolha dos entrevistados foi uma etapa crítica; cada grupo ficou responsável por identificar e convidar um especialista ou integrante de organizações da sociedade civil que pudessem contribuir com informações relevantes e socialmente compromissadas sobre cada tema. Para além da assertividade na relação tema-entrevistado, esse exercício nos proporcionou interessante oportunidade de autonomia e criação de redes de contatos para outros trabalhos.

Com os dados coletados e os entrevistados definidos, cada grupo elaborou um roteiro prévio para a entrevista, com foco de modo nítido para questões de direitos de cada tema que pudessem abranger uma parcela expressiva da sociedade, alguns breves exemplo: sobre direitos do consumidor, como os cidadãos podem se aliar e se mobilizarem para criação ou mudança de políticas públicas do setor em que reivindicam seus direitos; sobre violência doméstica, como facilitar o processo de identificação das violências e cobrar do Estado ações para além de coerção e punição, mas de sensibilização



---

social desde os processos de educação infantil; sobre assédios moral e sexual, em que medida somos responsáveis por eles em nossas condutas sociais, etc.

Embora tenhamos ficado nervosos com a experiência, inédita para a maioria de nós, com entrevista radiofônica presencial em simulação ao vivo, com pessoas reais, representantes de causas importantes na sociedade em suas respectivas especialidades, o roteiro, com esses elementos sensíveis, serviu como guia para conduzir a entrevista de forma fluída, humana e organizada, garantindo uma atividade segura para abordagem dos temas.

Além da indicação do tema e elaboração de roteiro, os grupos foram responsáveis pela recepção dos entrevistados e entrevistadas, conduzindo as entrevistas, que foram gravadas na íntegra, e com posterior tratamento de som para inserção de trilhas sonoras e vinheta para publicação, de forma colaborativa, nos canais 321 REC (Spotify), REC Unir (YouTube), e @rec.unir (Instagram), vinculados ao Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania [REC], do Departamento de Comunicação (Dacom) da Unir.

Durante todo o processo, a professora responsável das disciplinas Jornalismo Especializado e Laboratório de Radiojornalismo, Evelyn Morales, supervisionou as atividades, garantindo que cada etapa fosse realizada com atenção e colaboração mútua entre os estudantes.

### **Considerações finais**

O conhecimento teórico e conceitual é essencial para uma prática jornalística de qualidade. Ele oferece uma base que orienta o processo prático, aprimorando o percurso profissional, as relações e, conseqüentemente, refletindo na qualidade do produto final.

No âmbito da formação acadêmica em jornalismo, o conhecimento da teoria e a reflexão acerca de sua prática proporcionam a facilitação de uma postura mais crítica, evitando a aceitação passiva de enfoques que não façam sentido à coletividade, com o cuidado prévio na produção, direcionamento da pauta, zelo na relação com os sujeitos participantes das ações e na exposição do conteúdo final, especialmente, a quem se destina a produção.

Portanto, entendemos que a teoria e prática não são meros complementos entre si, mas elemento que agrega a natureza da atividade informativa, aliada à cultura e ao compromisso social do profissional jornalista, em constante exercício de aprimoramento.

---

## Referências

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 17, 2023. Disponível em:

<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b3>

. Acesso em: 10 maio 2024.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

O GLOBO. Empresas aéreas reduzem voos para Rondônia e culpam alta de ações judiciais. Site **O Globo**, 25 jul. 2023 Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/capital/post/2023/07/empresas-aereas-reduzem-voos-para-rondonia-e-culpam-alta-de-acoes-judiciais.ghtml> Acesso em 10 maio 2024.

FLORESTA, Cleide. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**, v.3/ Cleide Floresta e Ligia Braslauskas; Magaly Prado (org.). São Paulo: Saraiva, 2009.

Justiça do Trabalho. **Tribunal Superior do Trabalho**. Justiça do Trabalho recebe mensalmente cerca de seis mil ações por assédio moral . Justiça do Trabalho, 7 jul. 2023. Disponível em:

<https://tst.jus.br/-/justi%C3%A7a-do-trabalho-recebe-mensalmente-cerca-de-seis-mil-a%C3%A7%C3%B5es-por-ass%C3%A9dio-moral%C2%A0> Acesso em: 10 maio 2024.

LAGE, Nelson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Revistas Intercom - RBCC**. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

MASCARO, Alysson Leandro. Direitos sociais: uma crítica marxista. Dossiê Intelectuais Comunistas. **Revista Lua Nova**, vol. 101, maio-ago 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/QFXz4jWqFYVs88Sn6FVtd7R/>

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.